

OS MANUAIS NA ESCOLA PRIMÁRIA:  
EXEMPLOS DE GEOGRAFIA

Manuais escolares no ensino primário não faltam. São quase tantos como as escolas... que não temos. Mas dirão alguns: se os manuais são muitos só há vantagens. Não me digam agora que, 10 anos depois do 25 de Abril de 1974, se volta a defender o livro único! Não. Não se trata de defender o livro único, trata-se de discutir os manuais escolares que temos na escola primária, por onde todos (ou quase) alguma vez passámos e onde estão agora os nossos filhos. Alguns exemplos bastarão para ilustrar como são apresentados conceitos essenciais de Geografia. Vejamos:

*Onde ficam Faro e Elvas? A serra do Marão? O rio Guadiana?*

Recomenda-se vivamente a alguém interessado em saber a localização de povoações, de serras ou de rios que se não sirva de livros da escola primária. Corre o risco de confundir Faro com Portimão ou de querer localizar Bragança e encontrar Moncorvo.

Será possível? É o mesmo que sugerir que na escola primária se ensina que  $8 \times 4$  são 64. E no entanto é verdade.

A reprodução de figuras extraídas de manuais com povoações e serras mal localizadas, ou com rios traçado é incorrecto, não é permitida para salvaguardar os «direitos de autor». Ainda assim — e sem desrespeitar esses direitos — consulte-se o mapa junto (fig. 1) que mostra para algumas povoações a localização ensinada na escola primária (MONTEIRO, 1982, p. 23).

Quanto às serras... seria também melhor observá-las no mesmo livro (p. 91). Quem não dirá, ao observar o respectivo mapa — «O que são estes rabiscos?» Mas os rabiscos têm nomes, identificam serras. Tentemos localizar duas delas: o Marão parece situar-se a sul do Douro e a serra do Barroso parece ser, nesta estranha «geografia», atravessada pelo mesmo rio. Se o autor não sabia as suas localizações — o que se pode desculpar — não lhe devia ser difícil colmatar a sua ignorância, pois não devem existir outros livros com tais serras. Só nos textos do ensino primário em Portugal a geografia do país sofre tamanhas reviravoltas.

O ensino de noções geográficas é assunto sério. Deixemo-nos de brincadeiras. Vamos então usar expressões que reflectam essa seriedade! Como ensinar o relevo? Através de rabiscos? Que falta de respeito

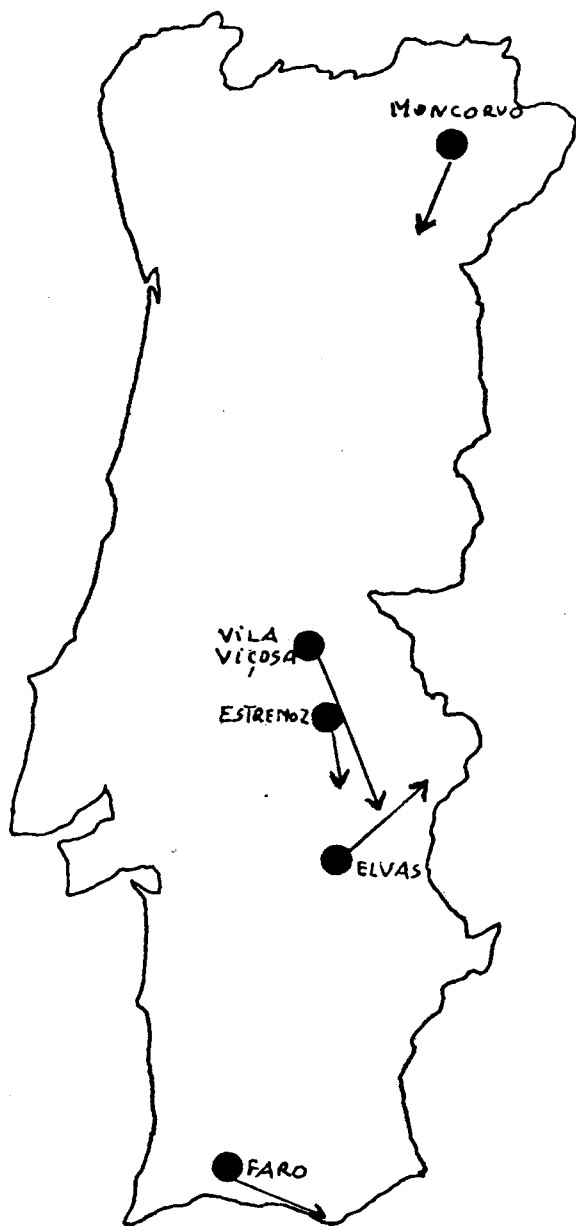


Fig. 1 — Este mapa mostra, apenas para algumas povoações, a posição ensinada nalgumas escolas primárias (círculos negros) e a localização verdadeira (pontas das setas). O contorno do país é o do mapa original (MONTEIRO, 1982, p. 23).

pela Geografia! Usem-se expressões científicas como «Aspectos Geomorfológicos». Que descoberta! Depois de usarmos esta expressão ninguém dirá que quem fez o programa não sabe geografia (é o próprio programa que utiliza estes termos depois repetidos cuidadosamente nos manuais por onde as nossas crianças de 9 anos estudam). Então ensinemos o relevo com rigor como manda a Geomorfologia: «Quando as terras são fundas entre montes tomam o nome de depressões. As depressões podem ser entre dois montes ou montanhas e então chamam-se vales» (MONTEIRO, 1982, p. 91).

Vamos agora aprender os rios. Se alguém pretender atravessar o distrito de Bragança a meio não tem mais que pegar um «rabelo» na barra do Douro e subir por aí acima. Com vento favorável chega num instante a norte de Mogadouro. Terá então que se maçar e fretar um táxi e ir depois um pouco para sul porque, contra todas as expectativas, estava ainda mais a norte desta vila. Entretanto, se vive no Alentejo e quiser também dar um passeio de barco no Guadiana, não pense que espreita na outra margem «terras de Espanha»! Só com um grande binóculo pode observar San Lucar ou Ayamonte porque, o Guadiana, afinal — quem diria! —, não faz fronteira em nenhum troço do seu curso!

#### *A cosmografia, a agricultura e o mais que se verá*

Quando falam de mapas, os geógrafos descobrem sempre defeitos (pelo menos nos mapas feitos por outros). Não insistamos na cartografia. Vamos ao texto.

Na geografia «do meu tempo», isso sim, aprendiam-se as estrelas, os planetas, os cometas... E agora? Aprende-se que «o movimento de translação (da Terra) demora aproximadamente 355 dias...» (MONTEIRO, 1982, p. 104). Mas que aproximação!

Sempre a criticar. Nem uma gralha se permite. Deixemos então as gralhas e outros pássaros esquisitos que povoam o céu e a Cosmografia. Vamos a coisas mais terra-a-terra. A agricultura, por exemplo. Aprende-se assim:

«A agricultura (cultivo da terra) é uma actividade que ocupa grande parte da população portuguesa.

A população que vive nos distritos onde a maioria das pessoas trabalha nos campos toma o nome de população rural.

*Essa população rural compreende dois grandes grupos:*

- 1 — Os que vivem dispersos pelo campo, aldeias e vilas. Estes são na maioria camponeses.
- 2 — *Os que habitam nas capitais dos distritos.* Estes são empregados nos serviços, escritórios, comércio ou indústria».

(MONTEIRO, 1982, p. 24 — o sublinhado é nosso).

Perplexidade! Onde viverá então a população urbana? Só se for nas cidades que não sejam capitais de distrito...

### *Os livros são sugestivos*

Digam o que disserem, os manuais escolares são muito mais agradáveis agora do que dantes. Têm mapas (e que mapas!), bonecos, cores... Lá isso têm e até demais. Para se observar a distribuição do gado usam-se, num manual, 6 cores ou tons, dos quais 4 são em azul (LOUREIRO *et al.*, 1983, p. 21). Quem os distingue? Nem um adulto que já conheça a distribuição do gado no país consegue identificar as áreas onde ocorrem os vários tipos.

Também existem livros — reconheça-se — que fazem um uso parcimonioso da cor. Só que, nas raras situações em que ela foi utilizada, os resultados são um desastre. Para se aprender «a quantidade de chuva caída anualmente» recorre-se a um mapa com as 4 classes seguintes: «+ 2000 m/m, 1500 m/m, 1000 m/m e 1000 m/m». Fica-se sem saber várias coisas: como se escreve milímetros em abreviatura, para que servem duas classes que recobrem os mesmos valores (será gralha?) e, pior ainda, observando-se o mapa parece que «a quantidade de chuva caída anualmente» é a mesma na área de Faro e na de Portalegre (VARÃO; GUAPO, 1982, p. 83). Será? E eu a pensar que chovia mais em Portalegre!

Lá voltamos nós à Cartografia. Já é mania! Desculpem. Só um exemplo mais, e o último. Diz-se que num mapa ou numa planta a escala é um elemento fundamental. Qual é o arquitecto que põe uma casa em pé a partir de plantas sem escala? Ensine-se então a noção de escala desde a escola primária: desenha a planta da tua sala de aula e «não te esqueças de mencionar a escala». Resta acrescentar que no mesmo livro (COSTA, 1982, ficha n.º 49) não há um único mapa com escala. Será assim que se põem em prática princípios elementares de didáctica?

### *Que consequências destes manuais?*

Transmitir informações falsas é em si criticável. Não o será mais quando elas se dirigem a crianças de 9 ou 10 anos? Em idades em que a memorização definitiva é muito fácil — e, ainda que o não fosse, lá está a informação escrita para se ler sempre que se queira ou o professor recomende — e as ideias fixam-se, às vezes para sempre. A rectificação torna-se difícil. Que pensará a criança do pai ou da mãe que pretendam corrigir o livro ou a professora? Quem tem razão? Em quem confiar?

A legitimidade para errar fica também assente — se é o livro escolar que tem erros ou «enganos» também eu me posso enganar. Se é o meu livro que diz «põe escala no teu mapa» e ele não a usa, então adopte-se o ditado «ouve o que eu digo, não olhes ao que eu faço». Ou melhor ainda, não ouças o que eu digo nem leias o que eu escrevo. E talvez melhor, com manuais destes.

Não haverá solução? Ou tudo está bem como está — o que é preciso é não fazer ondas? O risco de se voltar ao livro único não se pode correr. De acordo, não ao livro único. E a manuais destes dizemos sim?

*MARIA FERNANDA ALEGRIA*

- COSTA, M. BEATRIZ — *Fichas Programadas. Meio Físico e Social. Novos Programas. Perspectiva Histórica*. 2.<sup>a</sup> ed. Liv. Avis, Porto, s. d., 78 fichas. Aprovado nos termos da portaria n.º 819/82 de 28 de Agosto de 1982.
- LOUREIRO, ISABEL *et al.* — *Vivo e Observo. Meio Físico e Social*. Ed. O Livro, Lisboa, 1983, 128 p. Preço aprovado nos termos da portaria n.º 856/83 de 26 de Agosto.
- MONTEIRO, ANTÓNIO — *Ecos de Portugal. Meio Físico e Social e Perspectiva Histórica*. Porto Editora, Porto, 1982, 112 p. Aprovado nos termos da portaria n.º 819/82 de 28 de Agosto de 1982.
- VARÃO, ALBUQUERQUE; GUAPO, RODRIGUES — *Meio Físico e Social e Saúde*. Básica Editora, Lisboa, 1983, 96 p. Aprovado nos termos da portaria n.º 856/83 de 26 de Agosto.